

Pe. Alberto Luiz Gambarini

*Católico pode ou não pode?
Por quê?*



Sumário

Apresentação	7
Introdução	9
Capítulo 1: Tatuagens e piercing	11
Capítulo 2: Rock e satanismo?	17
Capítulo 3: Halloween	31
Capítulo 4: Astrologia – Horóscopos	33
Capítulo 5: Nostradamus	37
Capítulo 6: Superstição	43
Capítulo 7: Papai Noel	47
Capítulo 8: Aborto	51
Capítulo 9: Cremação	67
Capítulo 10: Doação de órgãos	69
Capítulo 11: Divórcio	73
Capítulo 12: Indulgências	87
Capítulo 13: Maçonaria	97
Capítulo 14: Nova Era	103
Capítulo 15: Reiki	131
Capítulo 16: Reencarnação	135
Capítulo 17: Numerologia	145
Capítulo 18: Anjos	149

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico, ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

© Ágape

Caixa Postal 32

06850-970 – Itapeperica da Serra, SP

T 11 4667 4353

F 11 4666 6056

Home page: www.encontrocomcristo.org.br

Composição e Impressão

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822, 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 11 3385 8500

F 11 2063 4275

Home page e vendas: www.loyola.com.br

Editorial: editorial@loyola.com.br

Vendas: vendas@loyola.com.br

Um dos temas mais quentes da atualidade é a questão do aborto. Existem aqueles que o condenam radicalmente afirmando: "No atual nível de conhecimentos científicos não se pode honestamente pôr em dúvida que a prática abortista seja a eliminação de um ser humano. É uma modalidade de aplicar a pena de morte a um inocente, e isso sem processo legal e regular. No caso de estupro, que culpa tem o feto do crime do estuprador? Paga pelo que não cometeu. É uma vítima da própria mãe. O mesmo se diga das razões genéticas. Por toda parte se defende a morte a quem a natureza não beneficiou com uma formação normal. Qual a diferença da morte antes ou depois de vir à luz? Assassinar no seio da mãe ou fora dele?" (Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales, *Voz do Pastor* de 28/7/00). No outro extremo encontram-se aqueles que defendem a legalização do aborto usando principalmente dois argumentos: a mulher tem o poder para dispor do seu corpo do modo mais conveniente; é o melhor meio para acabar com o mal causado pelos abortos ilegais.

Bíblia e aborto

O ponto de partida para esclarecer essa questão polêmica é buscar a orientação da Sagrada Escritura. Nela não encontraremos especificamente a palavra aborto, porque Deus é o doador da vida e não da morte. O ser humano não é uma simples soma de células reunidas ao acaso. Deus é quem está na origem da vida de cada pessoa: **"Deus criou o homem à**

sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher” (Gn 1,27).

Também é importante perguntar: Deus considera o bebê no ventre da mãe uma pessoa? A resposta a encontramos no Sl 139,13-15: **“Sim! Pois tu formaste os meus rins, tu me teceste no seio materno. Eu te celebrou por tanto prodígio e me maravilho com tuas maravilhas! Conhecias até o fundo do meu ser: meus ossos não te foram escondidos quando eu era feito, em segredo, tecido na terra mais profunda. Teus olhos viram o meu embrião. No teu livro estão inscritos os dias que foram fixados e cada um deles nele figura”**¹. A vida humana começa, segundo essas palavras, antes do nascimento; o salmista revela que Deus já o conhecia desde o **“seio materno”**. Também ao profeta Jeremias, Deus disse: **“Antes que no seio fosses formado, eu já te conhecia; antes do teu nascimento, eu já te havia consagrado” (Jr 1,5)**. O ser humano no ventre materno é uma criança: **“Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estre-meceu no seu seio” (Lc 1,41)**. E de João Batista também foi dito: **“porque será grande diante do Senhor... e desde o ventre de sua mãe será cheio do Espírito Santo” (Lc 1,15)**. São Paulo escreve em Gl 1,15: **“Mas, quando aprouve Àquele que me reservou desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça”**. Em todas essas passagens Deus trata aos bebês ainda no seio materno com a dignidade de pessoas muito amadas.

O homem e a mulher não têm o poder de tirar a vida de ninguém, muito menos de um ser indefeso. Somente Deus é o dono da vida: **“O Senhor dá a vida e a morte” (1Sm 2,6)**. Nessa visão o aborto vai contra o quinto mandamento **“Não matarás” (Ex 20,13)**.

1. Fonte: Bíblia de Jerusalém.

O aborto e o ensino da Igreja

Desde do início do cristianismo, a Igreja foi contrária ao aborto. No Didaqué, catecismo dos primeiros cristãos escrito no fim do séc. I d.C, é ensinado: **“...Não mate a criança no seio de sua mãe, nem depois que ela tenha nascido” (2,2)**. No decorrer da história, os Padres da Igreja, seus pastores e doutores foram unânimes em afirmar que o aborto é uma falta grave.

O papa João Paulo II, na encíclica *Evangelium Vitae* (Evangelho da Vida), diz:

“A vida humana é sagrada e inviolável em cada momento da sua existência, inclusive na fase inicial que precede o nascimento. Desde o seio materno, o homem pertence a Deus que tudo perscruta e conhece, que o forma e plasma com suas mãos, que o vê quando ainda é um pequeno embrião informe, e que nele entrevê o adulto de amanhã, cujos dias estão todos contados e cuja vocação está já escrita no ‘livro da vida’ (cf. Sl 139,13-16). Quando está ainda no seio materno — como testemunham numerosos textos bíblicos —, já o homem é objeto muito pessoal da amorosa e paterna providência de Deus” (EV 3§61). “O Magistério pontifício mais recente reafirmou, com grande vigor, esta doutrina comum. Em particular Pio XI, na encíclica *Casti connubii*, rejeitou as alegadas justificações do aborto; Pio XII excluiu todo o aborto direto, isto é, qualquer ato que vise diretamente destruir a vida humana ainda não nascida, ‘quer tal destruição seja pretendida como fim ou apenas como meio para o fim’; João XXIII corroborou que a vida humana é sagrada, porque ‘desde o seu desponter empenha diretamente a ação criadora de Deus’. O Concílio Vaticano II, como já foi recordado, condenou o aborto com grande severidade: ‘A vida deve, pois, ser salvaguardada

com extrema solicitude, desde o primeiro momento da concepção; o aborto e o infanticídio são crimes abomináveis” (EV 3863).

No *Catecismo da Igreja Católica* está escrito:

“A vida humana deve ser respeitada e protegida de maneira absoluta a partir do momento da concepção. Desde o primeiro momento de sua existência, o ser humano deve ver reconhecidos os seus direitos de pessoa, entre os quais o direito inviolável de todo ser inócua à vida” (CIC 2270).

“Visto que deve ser tratado como uma pessoa desde a concepção, o embrião deverá ser defendido em sua integridade, cuidado e curado, na medida do possível, como qualquer outro ser humano.

O *diagnóstico pré-natal* é moralmente lícito ‘se respeitar a vida e a integridade do embrião e do feto humano, e se está orientado para a sua salvaguarda ou a sua cura individual... Está gravemente em oposição com a lei moral quando prevê, em função dos resultados, a eventualidade de provocar um aborto. Um diagnóstico não deve ser o equivalente de uma sentença de morte” (CIC 2273).

ESTE É O MEU CORPO

Pe. Frank Pavone

(Diretor nacional de Sacerdotes para a Vida — EUA)

Perceberam que as mesmas quatro palavras que usou Nosso Senhor Jesus Cristo para salvar o mundo são usadas por alguns para promover o aborto? “Este é o meu corpo.” As mesmas simples palavras, pronunciadas em extremos opostos do universo, com significados diametralmente opostos entre si.

Quando o Senhor Jesus tomou o pão, o abençoou, o partiu e o deu a seus discípulos, dizendo: “Este é o meu corpo, que será entregue por vós”, estava pensando em que aconteceria no dia seguinte, quando entregaria aquele mesmo corpo na cruz. Ele sacrifica a si mesmo para que nós vivamos. Ele entrega o seu corpo para destruir o poder do pecado e da morte. E como resultado, nos admite na sua vida e no seu Reino. Ele nos transforma em parte do seu corpo!

Em contrapartida, os que promovem o aborto dizem: “Este é o meu corpo, não interfiram nele! É meu, e posso fazer com ele o que quiser, até o ponto de matar a nova vida que está dentro dele. Tudo está subordinado ao meu domínio sobre o meu corpo”. De fato um professor a favor do aborto escreveu: “Eu falo que o Deus (dos pró-vida) não vale nada em comparação com o meu corpo” (Michelle Goldberg, *Rant for Choice*, periódico dos estudantes da Universidade de Búfalo, 1995).

“Este é o meu corpo.” Palavras parecidas, resultados opostos. Cristo entrega o seu corpo para que outros vivam; os que promovem o aborto reivindicam seu corpo para que outros morram. Entregando o seu corpo, Cristo nos mostra o sentido do amor: me sacrifico para o bem do outro. O aborto representa o oposto do amor: sacrificar o outro para o meu benefício!

Nós não encontramos a felicidade e a realização eliminando outros do caminho, mas cedendo a outros o caminho. O Papa João Paulo II afirma:

“Ele, que não veio para ser servido, mas para dar a sua vida em resgate por muitos’ (Mc 10, 45), alcança na cruz a plenitude do amor. ‘Ninguém tem maior amor de quem dá a vida para os seus amigos’ (Jo 15,13). E Ele morreu por nós, mesmo sendo pecadores (cf. 5,8)”.

Desse modo proclama que a vida encontra o seu centro, o seu sentido e a sua plenitude quando se entrega...

Também nós somos chamados a dar a nossa vida para os irmãos, realizando desse modo em plenitude de verdade o sentido e o destino da nossa existência.

“Este é o meu corpo.” Não é por acaso que as mesmas palavras se usem para propósitos tão diferentes. Aqui se trata de um conflito espiritual. Nós ganharemos na nossa vida e no mundo, vivendo estas palavras na entrega da nossa própria vida por amor.

Um ponto de vista da medicina

O Senado norte-americano, impressionado pela problemática do aborto, pôs-se a considerá-la com seriedade. E, a fim de tomar posição, procurou informações dos cientistas a respeito do momento em que o conceito pode ser considerado autêntico indivíduo humano, pois tal questão é decisiva para se definirem os direitos da criança. Em vista de uma resposta, foi consultado, entre outros, o prof. Jérôme Lejeune, francês; os títulos e méritos desse mestre e sua posição se acham expostos no texto que transcrevemos a seguir e que corresponde ao relatório apresentado à Comissão Senatorial encarregada do inquérito, em 23 de abril de 1981. O próprio autor deu a seu trabalho o título de Testemunho.

O TESTEMUNHO DO DR. JÉRÔME LEJEUNE

“Meu nome é Jérôme Lejeune. Doutor em Medicina e em Ciências, sou responsável pela Clínica e pelo Laboratório de Genética do Hospital de Pediatria destinado aos pacientes feridos por debilidade mental. Após ter pesquisado em tempo integral durante dez anos, tornei-me professor de Genética Fundamental na Universidade René Descartes.

Há cerca de 23 anos descrevi a primeira doença cromossômica em nossa espécie, devida ao cromossomo 21 extra-numerário, típico do mongolismo. Em consequência, tive a honra de receber o Prêmio Kennedy das mãos do falecido presidente e a William Allen Memorial Medal da Sociedade Americana de Genética Humana. Sou membro da American Academy of Arts and Sciences.

Com meus colegas do Instituto de Genética de Paris, nos dedicamos à descrição das etapas fundamentais da hereditariedade humana. Pelo estudo comparativo de numerosas espécies de mamíferos, inclusive os símios antropóides, estudamos as variações cromossômicas registradas no decorrer da evolução. Na espécie humana, analisamos mais precisamente os efeitos desfavoráveis de certas aberrações cromossômicas.

Nesses anos demonstramos pela primeira vez que uma doença cromossômica pode ser combatida por um tratamento adequado... Mostramos que um tratamento químico pode curar a lesão cromossômica em culturas de tecidos. Mais: uma dosagem apropriada de produtos químicos (monocarbonatos e suas moléculas vetoradas) melhora simultaneamente o comportamento e as atividades mentais das crianças afetadas. Assim a pesquisa meticulosa realizada sobre certos mecanismos da vida pode levar a uma proteção direta de vidas humanas em perigo.

Quando começa um ser humano?

Desejo trazer a essa questão a resposta mais exata que a ciência pode atualmente fornecer. A biologia moderna ensina que os ancestrais são unidos aos seus descendentes por um liame material contínuo, pois é da fertilização da célula feminina (o óvulo) pela célula masculina (o espermatozoide) que emerge um novo indivíduo da espécie humana.

A vida tem uma longa história, mas cada indivíduo tem o seu início muito preciso, o momento de sua concepção.

O liame material é o filamento molecular do ADN. Em cada célula reprodutora, essa fita, de um metro de comprimento aproximadamente, é cortada em segmentos (23, na nossa espécie). Cada segmento é cuidadosamente enrolado e empacotado (como uma fita magnética em minicassete), tanto que no microscópio aparece como um bastonete: um cromossomo.

Desde que os 23 cromossomos do pai se juntam aos 23 cromossomos da mãe, está coletada toda a informação genética necessária e suficiente para exprimir todas as características inatas do novo indivíduo. Isso se dá à semelhança de um minicassete introduzido num gravador; sabe-se que produz uma sinfonia. Assim também o novo ser começa a se exprimir logo que foi concebido.

As ciências da natureza e as ciências jurídicas falam a mesma linguagem. A respeito de um indivíduo que goza de boa saúde, o biólogo diz que tem boa constituição; a respeito de uma sociedade que se desenvolve harmoniosamente para o bem de todos os seus membros, o legislador afirma que ela tem uma Constituição equilibrada.

Um legislador não consegue entender uma lei particular antes que todos os seus termos tenham sido clara e plenamente definidos. Mas, quando toda essa informação lhe é oferecida e a lei foi votada, ele pode ajudar a definir os termos da Constituição.

Como trabalha a natureza?

Trabalha de modo análogo. Os cromossomos são as tábuas da lei da vida; quando eles são reunidos no novo indivíduo (a votação da lei é figura da fecundação do óvulo pelo esperma), eles descrevem inteiramente a Constituição dessa nova pessoa.

É surpreendente a miniaturização da escrita. É difícil crer, embora esteja acima de qualquer dúvida, que toda a informação genética, necessária e suficiente para construir nosso corpo e até nosso cérebro (o mais poderoso engenho para resolver problemas, capaz até de analisar as leis do universo), possa ser resumida a tal ponto que seu substrato material possa subsistir na ponta de uma agulha!

Mais impressionante ainda é a complexa soma de informação genética por ocasião do amadurecimento das células reprodutoras, a tal ponto que cada conceito recebe uma combinação inteiramente original, que nunca se produziu antes e que não se reproduzirá tal qual no futuro. Cada conceito é único e, portanto, insubstituível. Os gêmeos idênticos e os hermafroditas verdadeiros são exceções à regra: cada ser humano é uma combinação genética. E notemos que as exceções devem ocorrer no momento da concepção. Acidentes posteriores não levam a um desenvolvimento harmonioso.

Todos esses fatos são conhecidos há muito tempo; todos os cientistas já outrora estariam de acordo em dizer que, se existissem bebês de provetas, eles evidenciariam a autonomia do conceito; a proveta não possuiria nenhum título de propriedade sobre eles. Ora os bebês de proveta já existem.

Experiências recentes

Quantas células são necessárias para a construção de um indivíduo?

A resposta nos é dada por experiências recentes.

Se conceitos precoces de camundongos são tratados com enzimas, as suas células se desagregam. Se, porém, misturarmos tais suspensões celulares provenientes de embriões diferentes, veremos que as células voltam a se reunir. O número máximo de células que operam para a elaboração de um indivíduo é três.

O ovo fecundado normalmente divide-se em duas células: uma delas se divide imediatamente de novo. Assim se forma o número ímpar e surpreendente de três células, encapsuladas em seu invólucro protetor.

Segundo os nossos mais adiantados conhecimentos, a individualização (ou a formação de três células fundamentais) é a primeira etapa após a concepção, à qual se segue dentro de poucos minutos.

Tudo isso explica por que os doutores Edwards e Steptoe puderam ser testemunhas de fecundação, em proveta, de um óvulo da Sra. Brown por um espermatozóide do Sr. Brown. O minúsculo conceito que eles implantaram alguns dias mais tarde no útero da Sra. Brown não podia ser nem um tumor, nem um animal. Era, na verdade, a extremamente jovem Luísa Brown, que tem hoje a idade de três anos.

A viabilidade do conceito é extraordinária. Por experiência, sabemos que um conceito de camundongo pode ser congelado ao frio intenso (até de 29 graus) e, depois de reaquecimento delicado, ser implantado com êxito. Para que haja o ulterior crescimento, requer-se necessariamente a acolhida numa mucosa uterina que forneça a alimentação apropriada à placenta embrionária. No interior da sua cápsula vital, que é a bolsa amniótica, o novo indivíduo é tão viável quanto um astronauta dentro do seu escafandro sobre a Lua: o abastecimento de fluidos vitais deve ser fornecido pelo organismo da mãe. Essa alimentação é indispensável à sobrevivência, mas ela não 'faz' a criança; da mesma forma nem a nave espacial mais aperfeiçoada pode produzir um astronauta. Essa comparação ainda é mais significativa quando o feto se mexe. Graças a uma aparelhagem ultra-sônica muito refinada, o professor Ian Donald, da Inglaterra, conseguiu produzir no ano passado um filme que mostra a mais jovem "estrela" do mundo, ou seja, um bebê de onze semanas a dançar no útero materno. O bebê, pode-se dizer, brinca no

trampolim! Dobra os joelhos, apóia-se na parede, levanta-se e cai. Visto que o seu corpo tem a densidade do fluido amniótico, ele não sente a gravidade e dança muito lentamente, com uma graça e uma elegância totalmente impossíveis em algum outro lugar da terra. Somente os astronautas, em suas condições de não gravidade, conseguem tal suavidade de movimentos. A propósito notamos que, quando se tratava da primeira caminhada no espaço, os técnicos tiveram de escolher o lugar onde desembocariam os tubos portadores dos fluidos vitais. Escolheram então finalmente a fivela do cinturão do escafandro, reinventando assim o cordão umbilical.

Quando tive a honra de dissertar perante o Senado, tomei a liberdade de evocar o conto de fada do homem menorzinho do que o dedo mindinho.

Com dois meses de idade, o ser humano tem menos de um polegar de comprimento, desde o ápice da cabeça até a ponta do traseiro. Ele estaria muito à vontade numa casa de nozes, mas tudo já se encontra nele: as mãos, os pés, a cabeça, os órgãos, o cérebro, tudo está no seu lugar certo. O coração já bate há um mês. Olhando de mais perto, veríamos as dobras das suas palmas de mão e uma quiromante leria as mãos dessa minúscula pessoa. Com uma boa lente de aumento, descobriríamos as marcas digitais. Tudo estaria aí para se fazer a carteira de identidade desse indivíduo.

Com a extrema sofisticação da nossa tecnologia, podemos vislumbrar a vida privada dessa criaturinha. Aparelhos especiais gravam a música mais primitiva: um martelar surdo, profundo, regular, de 60/70 batidas por minuto (o coração da mãe) e uma cadência rápida, aguda, de 150/170 batidas por minuto (o coração do feto) se sobrepoem, imitando os compassos de orquestra e realizando os ritmos básicos de toda música primitiva, sem dúvida, porque é a primeira que o ouvido humano consegue ouvir.

Assim observamos o que o feto sente, ouvimos o que ele ouve, provamos o que ele saboreia e vimo-lo realmente dançar, cheio de graça e de juventude. A ciência transformou o conto de fada do Pequeno Polegar numa história verídica, história que cada um de nós viveu no seio de sua mãe.

E, para que melhor percebam a exatidão das nossas observações, acrescentamos: Se, logo depois da concepção, vários dias antes da implantação, uma única célula fosse retirada desse indivíduo semelhante a uma amora minúscula, poderíamos cultivar essa célula e examinar os seus cromossomos. Se um estudante, observando-a ao microscópio, não fosse capaz de reconhecer o número, a forma e o aspecto das fitas de seus cromossomos, se ele não soubesse dizer com certeza se essa célula provém de um símio ou de um ser humano, seria reprovado no exame.

Aceitar o fato de que, após a fecundação, um novo indivíduo começou a existir já não é questão de gosto ou de opinião. A natureza humana do ser humano, desde a concepção até a velhice, não é uma hipótese metafísica, mas sim uma evidência experimental.”

As considerações do prof. Jérôme Lejeune não deixam dúvida sobre o fato de que, quando se extrai do seio materno um feto, é um verdadeiro ser humano que vem assim extraído e... quem sabe condenado à morte!

CONFISSÃO DE UM EX-ABORTISTA

Dr. Bernard Nathanson

“Eu sou pessoalmente responsável por 65 mil abortos. Isso legitima minhas credenciais para falar com alguma autoridade sobre esse assunto. Eu fui um dos fundadores da NARAL (National Association for the Repeal of the Abortion Laws) nos EUA, em 1968. Nessa época, uma confiável pes-

quisa de opinião descobriu que a maioria dos americanos era contra o aborto permissivo. Em cinco anos tínhamos convencido a Suprema Corte a promulgar a decisão que legalizou o aborto nos EUA em 1973 e tornou legal o abortamento até o momento anterior ao nascimento. Como fizemos isso? É importante entender as táticas utilizadas porque elas têm sido usadas em todo o Ocidente com algumas pequenas mudanças, sempre com o intuito de mudar leis antiaborto.

A PRIMEIRA TÁTICA ERA GANHAR A SIMPATIA DA MÍDIA.

Persuadimos os meios de comunicação de que a razão de permitir o aborto era liberal, esclarecida, sofisticada. Sabendo que uma pesquisa confiável havia sido feita, o que muito nos prejudicaria, nós simplesmente fabricamos resultados de pesquisas fictícias. Anunciamos aos meios de comunicação que havíamos feito pesquisas e que 60% dos americanos eram favoráveis e permitiam o aborto. Essa é a tática da mentira bem fundamentada. Poucas pessoas gostam de fazer parte da minoria.

Conseguimos muitos simpatizantes para divulgar nosso programa de permissibilidade do aborto ao fabricarmos o número de abortos ilegais feitos nos EUA anualmente. Enquanto esse número era de aproximadamente 100 mil, dizíamos repetidamente aos meios de comunicação que era de 1 milhão. A repetição de uma grande mentira várias vezes convence o público. O número de mulheres que morriam em consequência de abortos ilegais era em torno de 250, anualmente. O número que constantemente dávamos aos meios de comunicação era 10 mil. Esses números falsos criaram raízes na consciência dos americanos, convencendo muitos da necessidade de revogação da lei contra o aborto. Outro mito que apresentamos ao público por meio da mídia era que a legalização do aborto seria a única forma de tornar legais os abortos que então eram feitos ilegalmente. O abor-

to está sendo atualmente utilizado como o principal método de controle de natalidade nos EUA e o número de abortos feitos anualmente cresceu em 1.500% desde a legalização.

A SEGUNDA TÁTICA ERA ATACAR O CATOLICISMO.

Sistematicamente difamamos a Igreja católica e suas idéias socialmente retrógradas' e apresentamos a hierarquia católica como a vilã que se opunha ao aborto. Essa música foi tocada incessantemente. Divulgávamos à mídia mentiras como: 'Todos sabemos que a oposição ao aborto vem da hierarquia e não da maioria dos católicos' e 'Pesquisas comprovam que a maioria dos católicos quer uma reforma na lei contra o aborto'. E a mídia martelava tudo isso sobre os americanos, persuadindo-os de que qualquer um que se opusesse ao aborto permissivo deveria estar sobre a influência da hierarquia católica e que católicos favoráveis ao aborto são esclarecidos e progressistas. Uma inferência dessa tática foi que não havia nenhum grupo não-católico oposto ao aborto. O fato de que outras religiões cristãs e não-cristãs eram (e ainda são) monoliticamente opostas ao aborto foi constantemente suprimido, assim como as opiniões de ateístas pró-vida.

A TERCEIRA TÁTICA ERA DENEGRIR E SUPRIMIR TODA EVIDÊNCIA DE QUE A VIDA SE INICIA NA CONCEPÇÃO.

Muitos me perguntam o que me fez mudar de pensamento. Como fui transformado de um proeminente abortista a advogado pró-vida? Em 1973 tornei-me diretor de obstetrícia de um grande hospital na cidade de New York e tive de iniciar uma unidade de pesquisa pré-natal, apenas como início de uma nova tecnologia que usamos agora para estudar o feto no útero. Uma tática pró-aborto favorita é insistir que a definição de quando a vida inicia é impossível; que essa questão é uma questão teológica, moral ou filosófica, nada científica.

A fetologia tornou inegável a evidência de que a vida se inicia na concepção e requer toda proteção e cuidado que

qualquer em de nós necessita. Por que, vocês podem perguntar, alguns médicos americanos, cientes das descobertas da fetologia, desacreditam a si mesmos fazendo abortos? Simples aritmética: a US\$ 300,00 cada, 1,55 milhões de abortos significam uma indústria de US\$ 500.000.000 anuais, dos quais a maior parte vai para o bolso do médico que faz o aborto. É claro que a permissibilidade do aborto é claramente a destruição do que é, inegavelmente, uma vida humana. É um inadmissível ato de violência. Todos devem reconhecer que uma gravidez não planejada é um dilema muito difícil. Mas procurar por sua solução num deliberado ato de destruição é desprezar a vasta quantidade de recursos do gênio humano e abandonar o bem-estar da população a uma clássica resposta utilitarista aos problemas sociais.

COMO CIENTISTA SEI AGORA — NÃO APENAS ACREDITO — QUE A VIDA HUMANA SE INICIA NA CONCEPÇÃO.

Embora não seja um religioso praticante, acredito de todo o meu coração que há uma Divindade que nos leva a desejar um fim completo a esse infinitamente triste e vergonhoso crime contra a humanidade."

(Dr. Nathanson converteu-se ao catolicismo, sendo batizado em 1996.)